A architectura religiosa na Edade Média

Augusto Fuschini

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

A architectura religiosa na Edade Média

Augusto Fuschini

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Nota de editor: Devido à existência de erros tipográficos neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Agosto 2010)

A ARCHITECTURA RELIGIOSA

NA

EDADE-MÉDIA

ENSAIOS DE HISTORIA DA ARTE

A ARCHITECTURA RELIGIOSA

NA

EDADE-MÉDIA

POR

AUGUSTO FUSCHINI

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1904

A Minha Filha Octavia Fuschini de Lima Mayer

INTRODUCÇÃO

As noções fundamentaes do nosso espirito são absolutamente indefiniveis. Sentem-se; nada mais. Se lhe procurarmos a definição, cahiremos em simples labyrintos de palavras, consistindo, quasi sempre, em verdadeiros circulos viciosos. Tomemos, para exemplo, o espaço e o tempo, noções bem fundamentaes.

O que é o espaço? É o _meio_, sem limites, onde existem em continuo movimento todos os corpos; o que equivale a dizer que o _espaço_ é o _espaço_.

O que é o tempo? É a serie indefinida de momentos, durante os quaes se realisa a successão dos factos physicos e moraes; o que equivale a dizer que o _tempo_ é o _tempo_.

Assim, parece que as idéas ou noções fundamentaes teem o singular caracter de ser facilmente comprehensiveis pela intelligencia humana, sem que ella tenha palavras rigorosas ou phrases perfeitas, para as definir com sufficiente clareza.

Dados o espaço e o tempo, a materia e o espirito em perpetuo movimento produzem a totalidade dos factos e phenomenos physicos e moraes, constituindo o Universo, que sem as primeiras noções seria absolutamente impossivel e incomprehensivel.

Pouco nos importa saber, n'este momento, se a materia e o espirito coexistem, ou se o espirito é apenas um attributo da materia, organisada segundo leis desconhecidas. Os phenomenos passam-se como se fossem distinctos; deixemos, pois, a investigação d'este problema, que aliás parece insoluvel, aos metaphysicos e aos theologos.

O que podemos considerar quasi certo é que a materia em movimento nos dá as noções exactas do espaço e do tempo; e o espirito em actividade nos dá, tambem, as noções claras do bem, do bello e do justo, que são como as primeiras completamente indefiniveis na sua natureza absoluta.

Quem aprecia o tempo e o espaço? Os sentidos physicos.

Quem aprecia o bem, o bello e o justo? Esse _sentido_ especial e perfeitissimo, denominado consciencia, a faculdade de _julgar_ que possue a intelligencia humana.

As similhanças mostram-se ainda mais intimas. As noções do espaço e do tempo são inseparaveis. A nossa intelligencia não pode conceber uma sem a outra. O bello, o bem e o justo manifestam a mesma qualidade. São noções correlativas.

É certo que a complexidade dos phenomenos animicos torna esta correlação menos evidente do que a primeira, mais simples e clara pela sua origem physica; mas, discutindo bem e com profundidade

qualquer facto de ordem animica, chega-se a descobrir que uma d'estas noções do nosso espirito envolve, sempre, as outras duas em maior ou menor grau.

Assim, pois, poderemos, sem grande receio de errar, estabelecer tres definições:

A Arte é a expressão do bello;

A Moral é a expressão do bem;

O Direito é a expressão da justiça.

Ora, como as noções do nosso espirito se manifestam subordinadas a leis geraes, temos tres sciencias, que estudam as manifestações externas e visiveis da propria essencia do espirito humano.

Eis-nos entrados no campo positivo e experimental. Um longo periodo historico prova já que o nosso espirito é successivamente perfectivel e evolutivo; não o sendo, de certo, nos principios fundamentaes, mas sim na applicação d'esses principios e na variedade infinita de combinações, que se podem fazer com as idéas, como se obtem com as notações musicaes.

Se nos fosse permittido, empregariamos a seguinte expressão: a perfectibilidade é a lei fundamental do espirito humano, a evolução o seu methodo.

Convém, todavia, observar, como um facto historico e psychologico, que a alma humana--digamos a palavra--não é perfeitamente livre no pensamento e na acção. Deixemos a theoria do _Livre Arbitio_ para ser definida em Concilio.

Os astros, esses até, que estão sujeitos a leis immutaveis e

mathematicas, soffrem perturbações nas respectivas orbitas, por influencias ainda mysteriosas algumas, outras descobertas em certos casos. Ora, sobre as leis moraes as influencias são variadissimas; por isso, o _astro espiritual_, a Idéa, caminha sempre em determinado sentido, ás vezes, com enormes desvios.

O raciocinio prevê as causas d'essas grandes irregularidades e a experiencia demonstra a verdade d'essas previsões.

Em relação á Arte, estas causas podem grupar-se em tres grandes categorias:

1.ª A influencia do _meio_ natural, da atmosphera physica e cosmica;

2.ª A influencia do _meio_ historico, isto é, do conjuncto de circumstancias que em dado momento constituem a atmosphera social;

3.ª A influencia do _meio_ particular de cada individuo, formado pelo proprio caracter e talento, pelas suas condições dentro da sociedade e da familia, ou pelo menos, dentro do pequeno grupo social, em que se executa o seu trabalho e se exerce a sua actividade.

Teremos occasião de explicar mais tarde algumas applicações d'estes principios; mas seja-nos permittido concretisal-os um pouco mais, principalmente o primeiro.

Nas leis historicas--e a Arte tem historia e leis--entre as influencias, actuando obscura e vigorosamente sobre o caracter dos povos e sobre os destinos das nações, a sciencia não conseguiu ainda definir bem a acção profunda dos elementos climatericos e geographicos sobre o espirito humano; todavia, essa influencia presente-se, ou melhor

prova-se e deduz-se da diversidade das raças e dos caracteres moraes dos habitantes da terra.

A forma humana, como é incontestavel, soffre a influencia d'este _meio_ externo e ás modificações d'essa forma correspondem modos de ser e intensidades differentes de intelligencia. Ora, se nas linhas geraes do nosso espirito se observa a acção dos agentes climatericos e geographicos, como a vida dos povos depende das proprias funcções intellectuaes e, pelo menos, em forte proporção o bem e o mal proveem do exercicio da intelligencia humana, não é vago presentimento mas verdade scientifica a existencia de leis, embora ainda não formuladas, que expliquem a correlação das idéas e das instituições dos povos com a climatologia e a geographia da zona habitada.

Na constituição de certas noções, esta influencia deve ser profunda. A noção de Deus, o melhor manancial da Arte, e o grupo de idéas e de sentimentos, que em volta d'ella, como centro, constituem por assim dizer uma categoria do espirito humano, estão, sem duvida, n'estas condições. O exemplo é excellente.

Seja qual fôr a origem da crença no sobrenatural, derive esta crença da intima essencia da alma, provenha da revelação divina, nasça da generalisação espiritual ou material das forças naturaes, funde-se na grandeza dos factos cosmicos, ou no receio dos phenomenos physicos, é indiscutivel que a essencia e a evolução da idéa de Deus e das formulas do culto externo offerecem caracteres mais ou menos harmonicos com as condições geographicas e climatericas, que lhes serviram de ambiente.

O polytheismo guerreiro, honesto e nebuloso, dos povos

septentrionaes da Europa e o polytheismo grego, livre e artistico, foram concebidos em _meios_ differentes. As regiões asperas e rudes do norte, onde os gelos e as tempestades, durante longo periodo do anno, difficultam a lucta pela existencia, não podiam ser habitadas pelas divindades do Olympo.

O ceu puro da Grecia, a limpidez da atmosphera jámais escurecida por tempestades terriveis, a amenidade do clima, os contornos suaves dos montes, o murmurio poetico dos pequenos rios, as frescas florestas de platanos em valles abertos, o perfume de flores variadas, o sabor delicado dos fructos, em summa, as excellentes condições climatericas e geographicas da Grecia permittiram ao genio popular a creação de uma familia de divindades, em quem o amor sensual, o gôso physico e a belleza das formas traduziram admiravelmente a doçura das forças naturaes.

As vagas enormes, revoltas e furiosas dos mares arcticos não podiam gerar a belleza do Eterno Feminino. Das ondas serenas do mar Egeu, coroadas de espuma branca e transparente como finissima renda, que vinham quebrar-se com suavidade sobre a areia dourada das costas do Peloponeso, nasceu o formoso corpo de Venus, a expressão ideal da belleza da forma.

E, todavia, germanos e gregos eram da mesma raça, d'esses aryas brancos e louros que dos confins da Bactriana, talvez por caminhos differentes, haviam emigrado, seguindo a trajectoria do Sol, que lhes indicava propheticamente a sua grande obra, a futura civilisação da Europa.

Se fizermos tambem estudos sobre raças differentes, chegaremos aos mesmos resultados.

A _anthropomorphose_ da idéa de Deus é lei fundamental do espirito humano e até hoje o manancial mais rico de productos artisticos de todas as ordens. A representação physica e a definição moral da divindade derivam, sem a menor duvida, da idealisação e da generalisação das qualidades physicas e psychicas do homem. Pode haver duvida se, conforme o _Genesis_, o homem foi creado á imagem e similhança de Deus; é, porém, indiscutivel que na constituição d'este symbolo lhe demos muito da nossa forma e ainda mais do nosso espirito.

Eram polytheistas as raças aryanas, segundo parece. A duvida pode nascer de que na Grecia o polytheismo pertencia ás classes populares, emquanto os sabios criam na Unidade do Espirito. Assim, Anaxagoras, Socrates e a sua escola, em que floresceram os maiores sabios, philosophos, estadistas e artistas do grande seculo de Pericles, acreditavam na unidade de Deus; eram monotheistas.

Seja como fôr, é facil de comparar a forma e o espirito de Jupiter, do Monte Olympo, com os de Jehovah, do Monte Sinai, isto é, a concepção da divindade entre aryas polytheistas, os gregos, e semitas monotheistas, os hebreus.

A figura sombria e magestosa de Jehovah não só era feita á imagem e similhança do caracter hebreu; mas reflectia, tambem, a grandeza melancholica da cordilheira do Libano e das montanhas da Palestina.

Esse Espirito, vivendo fóra do cahos e creando a ordem entre os elementos, eternos como elle, pelo esforço da propria vontade omnisciente, ora energico e duro, ora manso e amoroso, pedindo a Abrahão o cruel sacrificio do filho e contentando-se com a offerta no templo de algumas pombas brancas, era o reflexo d'esse clima da

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com